

# CADERNO DE SUGESTÕES

Livro **Maqueira de tucum**



## **Autoria**

**Cristiane Tavares**

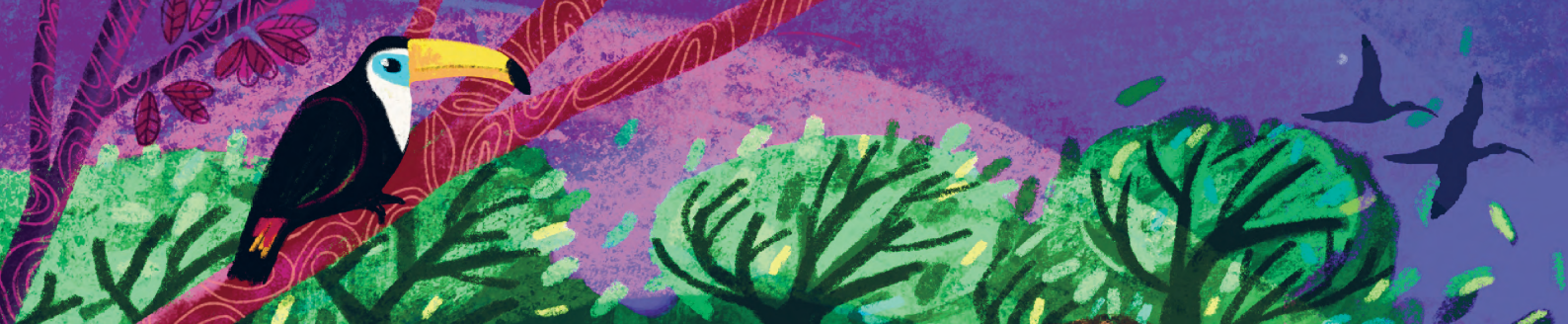
Especialista do Instituto Avisa Lá

## **Coordenação**

**Ana Carolina Carvalho**

**Érica de Faria Dutra**

Coordenadoras do Instituto Avisa Lá



# CADERNO DE SUGESTÕES DO(A) EDUCADOR(A) MEDIADOR(A)

**Livro**

*Maqueira de tucum*

**Autora**

Márcia Kambeba

**Ilustradora**

Michelle Cunha

**Indicação**

1º e 2º anos — crianças em processo de alfabetização (a partir dos 6 anos de idade)

**Gênero literário**

Conto

**Conteúdo**

Instituto Avisa Lá

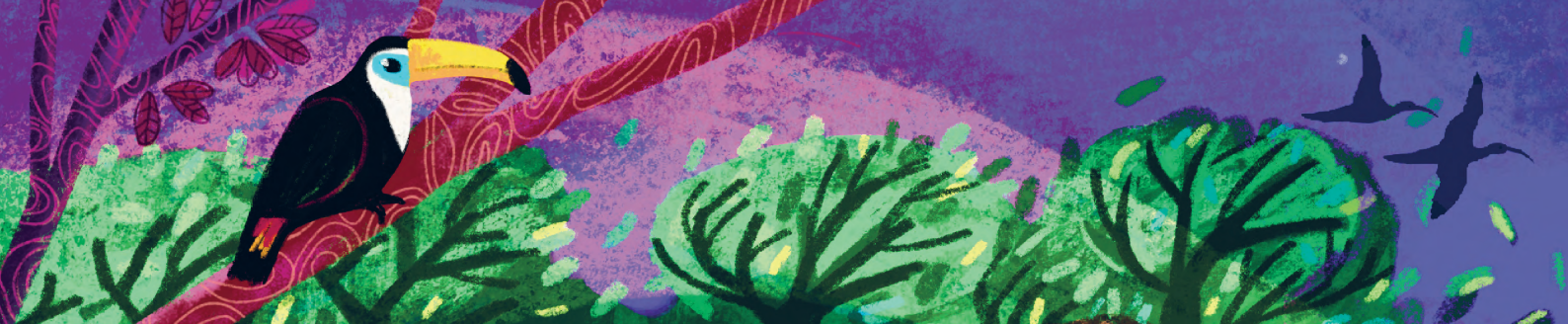
**Revisão**

Adriana Moreira Pedro



## SUMÁRIO

<b>Carta de apresentação</b> .....	<b>IV</b>
<b>Por que ler <i>Maqueira de tucum</i>?</b> .....	<b>V</b>
Relevância da obra .....	<b>V</b>
Quem escreveu e ilustrou este livro .....	<b>VII</b>
Contribuição deste livro para a formação leitora .....	<b>VIII</b>
<b>Propostas de mediação</b> .....	<b>X</b>
As cosmovisões indígenas e a relação com a morte .....	<b>X</b>
Arte e modos de vida dos povos originários .....	<b>XII</b>
Elementos naturais e as linguagens verbal e visual .....	<b>XIV</b>
<b>Atividades e Projetos literários</b> .....	<b>XV</b>
Atividades	
Animais da fauna amazense .....	<b>XV</b>
Pesquisa sobre grafismos indígenas .....	<b>XV</b>
Momento da partilha .....	<b>XVI</b>
Projetos	
Narração de histórias indígenas .....	<b>XVII</b>
Caixinha dos sonhos .....	<b>XVIII</b>
<b>Recursos complementares</b> .....	<b>XIX</b>
<b>Referências bibliográficas</b> .....	<b>XX</b>



## CARTA DE APRESENTAÇÃO

### **Caro(a) educador(a) mediador(a),**

Este *Caderno de sugestões do(a) educador(a) mediador(a)* é um material que contribui para sua mediação de leitura. Traz propostas e informações sobre o livro *Maqueira de tucum* para os leitores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, para as turmas de 1º e 2º anos, ou frequentadores de bibliotecas escolares, públicas ou comunitárias, considerando a faixa etária a partir de 6 anos. Começa com uma apresentação do livro, da autora e da ilustradora, expondo a relevância da obra no desenvolvimento de práticas leitoras e letramentos nas escolas e bibliotecas. Depois, há propostas para apoiar a mediação de leitura, por meio de caminhos para mergulhar neste livro, além de atividades práticas e projetos literários — sempre valorizando aspectos da literatura que dialogam com as experiências de vida dos leitores. Por fim, há recursos complementares a serem explorados na mediação e as referências bibliográficas que fundamentaram a elaboração deste material.

*Maqueira de tucum*, de Márcia Kambeba, com ilustrações de Michelle Cunha, é uma narrativa indígena que encantará diferentes públicos leitores. No que tange à qualidade estética, destaca-se a força da protagonista, Emoa, guardiã das memórias de seu povo e contadora de histórias, impactando a vida da aldeia mesmo depois de sua partida, já que segue transmitindo saberes ancestrais. Destaca-se, ainda, a presença do universo imagético dos povos originários nas ilustrações repletas de detalhes, seja reproduzindo as pinturas corporais na apresentação das personagens indígenas, seja representando a flora e a fauna brasileiras. Já a qualidade ética da obra destaca-se pelo respeito às tradições indígenas e pela força ancestral das mulheres, sobretudo na preservação da memória e na manutenção de uma economia artesanal envolvendo senso comunitário, solidariedade e respeito pela natureza.

Este caderno foi produzido com a supervisão do Instituto Avisa Lá — Formação Continuada de Educadores, organização da sociedade civil sem fins lucrativos que vem contribuindo, desde 1986, para qualificar a prática educativa nas escolas públicas brasileiras e outros espaços educativos.

**Boa leitura!**



## POR QUE LER *MAQUEIRA DE TUCUM*?

*Maqueira de tucum*, escrito por Márcia Kambeba e ilustrado por Michelle Cunha, é uma obra sensível e poética que apresenta aos leitores a maqueira — uma rede tradicional feita com fibras de tucum — como símbolo de afeto, conexão e transmissão de saberes na cultura indígena. Ao acompanhar a personagem Emoa em suas histórias na aldeia, os leitores são convidados a conhecer e valorizar tradições ancestrais que reforçam a importância do respeito à natureza, à oralidade e ao coletivo. A leitura do livro é fundamental porque amplia o olhar sobre a riqueza e a profundidade das culturas originárias, convidando os leitores a refletir sobre outras formas de viver, sentir e se relacionar com o mundo, fortalecendo a empatia, o sentimento de pertencimento e a valorização da diversidade como caminho para uma convivência mais justa e harmoniosa.

### Relevância da obra

A leitura de uma obra e as conversas que se desencadeiam a partir dela podem configurar experiências de profunda alteridade, mobilizadas com base em elementos presentes na dinâmica composicional dos livros. Em *Maqueira de tucum* esses elementos conjugam-se em uma relação harmoniosa entre linguagem verbal e visual, convidando o leitor ao encantamento do texto e das ilustrações. Soma-se a isso o fato de se tratar de um conto de autoria indígena, escrito por uma mulher nascida em uma aldeia ticuna e que se considera do povo Omágua/Kambeba, cuja temática evidencia aspectos relevantes da formação da sociedade brasileira, sobretudo no que diz respeito à contribuição cultural, artística e ecológica dos povos originários, em consonância com o que prevê a Lei n. 11.645/2008 (Brasil, 2008), que visa a garantir a inclusão da história e cultura afro-brasileira e indígena no currículo escolar.

A narrativa destaca como protagonista Emoa, uma *kunhã* (que em guarani significa “jovem mulher”), filha de um cacique, cuja função dentre os seus é guardar a memória de histórias e conhecimentos ancestrais, preservando laços intergeracionais preciosos. A força da personagem adquire ainda mais relevância pela forma como é descrita e representada — visualmente —, associada à força e beleza da natureza, como lê-se nos seguintes trechos:



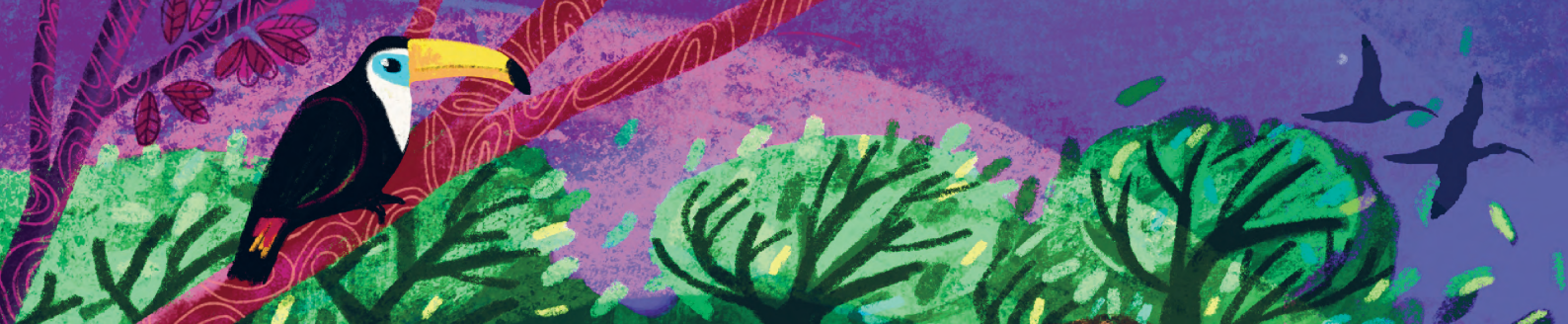


[...] a literatura indígena infantojuvenil dá-se a conhecer via narrativa: na descrição do cotidiano, dos modos de vida tradicionais, da história das organizações sociais, das crenças, das lutas políticas, indo por outro caminho que não a famigerada armadilha do exótico, que os lança ao passado e os proíbe de desfrutar o presente (2020).

## Quem escreveu e quem ilustrou este livro

A escritora Márcia Kambeba nasceu na aldeia tikuna Belém dos Solimões, atualmente Tabatinga (Amazonas). Lá ela viveu até os oito anos de idade, mudando-se com a família para São Paulo de Olivença, também no Amazonas. Na escola que frequentou nessa cidade, foi estimulada a escrever poesia, descobrindo seu desejo por tornar-se escritora. Embora tenha nascido em uma aldeia do povo Tikuna, Márcia se reconhece como sendo do povo Omágua/Kambeba e tem dezenas de livros publicados, tanto para adultos quanto para crianças, dentre eles *Infância na aldeia* (2023). Além de autora, é contadora de histórias, educadora, fotógrafa e compositora de músicas indígenas e amazônicas. Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Pará, é mestra em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas, geógrafa pela Universidade do Estado do Amazonas e especialista em educação ambiental. Integra a Academia Internacional de Literatura Brasileira nos Estados Unidos e a Academia Formiguense de Letras, em Formiga (MG). Atualmente vive em Castanhal, no Pará.

A ilustradora Michelle Cunha nasceu em Marituba, município paraense localizado às margens da BR-316, rodovia que liga Belém a Brasília. Ali, viveu a infância em meio à natureza. Depois, mudou-se para Belém e, em seguida, para Brasília. Cresceu em uma família marcada pela ausência do pai, policial que deixou o lar quando ela tinha sete anos. Foi criada pela mãe, técnica de enfermagem, que, sozinha, precisou buscar alternativas para sustentar a casa. Desde a infância, Michelle aprendeu com ela a produzir e vender diferentes tipos de trabalhos manuais, experiência que mais tarde se refletiria no seu percurso artístico. Interessou-se por ilustração frequentando uma livraria que ficava no caminho entre sua casa e a escola. Fez dessa paixão sua profissão, estudou artes visuais e *design* gráfico e trabalhou em editoras. Hoje, é artista visual, muralista, artesã e arte-educadora. Com sua arte, já estampou roupas, objetos, muros e até ônibus. Atualmente, vive em Soure, na ilha de Marajó.



## Contribuição deste livro para a formação leitora

O pensador indígena Ailton Krenak se posiciona contra uma educação que fortaleça o pensamento de que a criança tem um roteiro predefinido, tornando-se “um sujeito para operar no mundo, para fazer guerra, tudo já configurado” (2020, p. 41). Desde aí sua proposta é o exercício contínuo de encantamento e escuta, no qual é possível estar em plena consciência “do corpo, da mente, consciência de ser o que se é e escolher ir além da experiência da sobrevivência. [...] Viver a experiência de viver a vida de verdade deveria ser a maravilha da existência” (2020, p. 43-44).

Partindo dessa premissa, pode-se afirmar que a leitura de *Maqueira de tucum* é a porta de entrada para uma experiência estética e de fruição literária que preza pela relação harmônica com o planeta e com a natureza. Isso porque, ao ouvir histórias e saberes ancestrais, a criança pode se educar para usufruir da natureza sem usurpá-la, encontrando nas sabedorias indígenas outras formas de existência e concepções de mundo. Neste trecho, em que a protagonista inspira a todos com sua palavra, isso fica nítido: “As crianças gostavam de escutá-la. Ela tinha uma forma própria de contar histórias, balançando pra lá e pra cá, como se imitasse a onda do rio. Emoa era apreciada por todos” (p. 14).



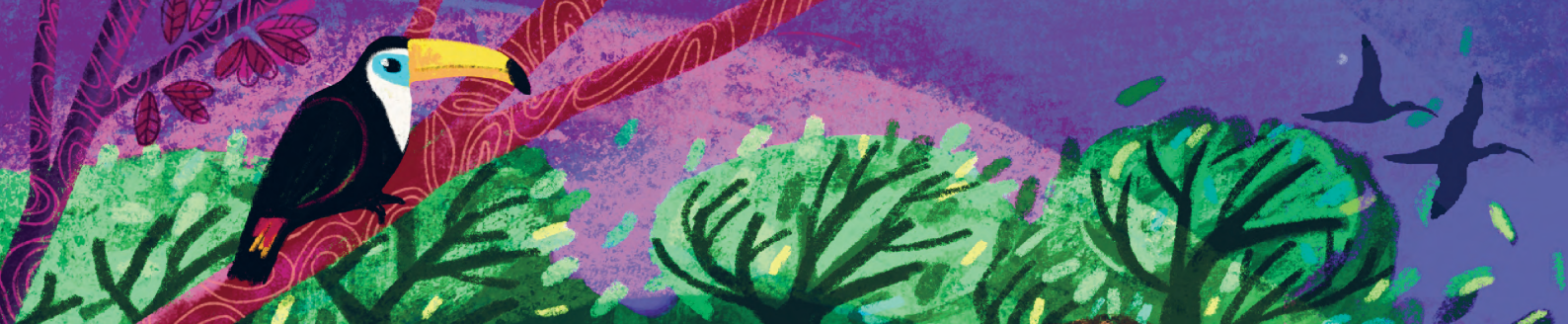
O modo como a narrativa se constrói contribui para que as crianças tenham uma experiência leitora marcada por tensões e distensões discursivas próprias do gênero conto que, no caso específico deste livro, se desdobram em acontecimentos que transcendem a racionalidade, convidando a uma percepção sensível do mundo e das palavras. Um exemplo é o modo como a morte da protagonista é narrada e o que se desencadeia a partir daí: “Um dia, uma epidemia atingiu muitas pessoas na aldeia, inclusive a bela kunhã, que, adoentada, foi ficando fraca até não resistir. Ancestralizou.” (p. 16-17). Nesse trecho, observa-se o eufemismo para abordar um tema fraturante — a morte de uma personagem indígena devido a uma epidemia —, e nota-se que o recurso foi empregado com precisão vocabular, de modo a integrar-se à espiritualidade e aos valores de algumas culturas indígenas brasileiras.



De acordo com Ailton Krenak (2022), a ancestralidade não é um passado distante, mas uma força viva que se manifesta na memória e orienta nossas escolhas no presente e no futuro, funcionando como um elo que nos conecta aos modos de vida que resistem e se renovam continuamente. Partindo dessa explicação, torna-se possível compreender que a presença de termos como “espiritualidade” e “espírito”, em trechos da obra, não se referem a nenhum credo religioso específico ou institucionalizado, mas a uma forma de perceber a vida, profundamente ligada à cultura dos antepassados e à relação dos povos indígenas com a natureza, seus fenômenos e ciclos.

Na segunda parte da narrativa, a partir desse importante acontecimento — a morte da protagonista — narrado de acordo com uma cosmovisão indígena, a personagem Emoa passa a se fazer presente como ancestral viva na memória do povo de sua aldeia, manifestando-se para sua mãe em forma de sonho e compartilhando saberes importantes para a sobrevivência da comunidade e para a preservação de sua memória. Os trechos que compõem essa última parte do conto relatam, com a mesma linguagem poética, os sentidos simbólicos da maqueira de tucum, construída a partir dos ensinamentos transmitidos pela ancestralidade de Emoa: mais do que apenas uma rede para dormir, para o povo Magüta/Tikuna, “A maqueira de tucum tem afeto, fortalece a infância, é menina kunhã. Tem força e beleza, é repouso da anciã.” (p. 27).

Certamente, a experiência de leitura de uma narrativa poética construída de acordo com cosmovisões indígenas, aliada à fruição estética proporcionada pela apreciação das ilustrações, repletas de simbologias provenientes da cultura dos povos originários brasileiros, ampliará significativamente o imaginário dos leitores, permitindo-lhes acessar formas variadas de compreender e narrar o mundo, a natureza e as relações étnico-raciais.



## PROPOSTAS DE MEDIAÇÃO

De acordo com a educadora argentina Cecilia Bajour, existem “modos específicos de entrar nos textos” (2012, p. 64), que são as chaves de leitura. Como a chave que abre uma porta, uma chave de leitura pode inserir o leitor em uma obra literária. É possível escolher as formas de entrar em uma casa, assim como é possível obter diferentes maneiras de adentrar em um texto para favorecer a compreensão leitora. Essas chaves são importantes para planejar a conversa entre os leitores, a fim de garantir que possam usufruir mais da obra e ampliar os sentidos construídos durante a leitura. Durante a mediação, pode ser que surjam outras entradas propostas pelo grupo.

Bajour afirma que:

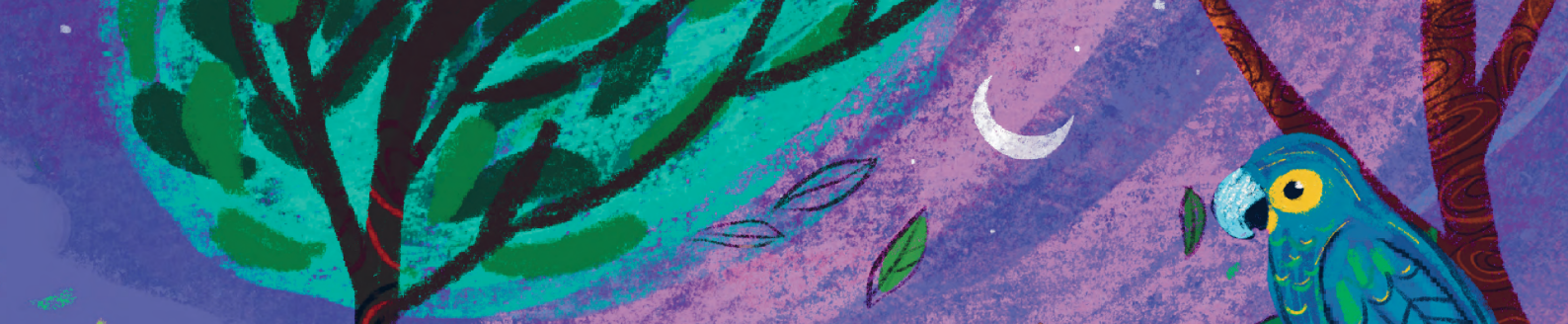
[...] o encontro próximo com o lido e o escutado que é ativado em cada leitora ou leitor poderia ser multiplicado para um plural, uma confluência de espaços próximos: como uma constelação intersubjetiva de incertezas e certezas que podem ser acionadas em situações de leitura (2023, p. 27).

Considerando isso, pode-se destacar a importância da escuta e da circulação democrática da palavra durante as situações de mediação da leitura de uma obra literária, favorecidas pela interlocução como integrante fundamental para a expansão de sentidos sobre a obra.

### **As cosmovisões indígenas e a relação com a morte**

No caso de *Maqueira de tucum*, um elemento específico da narrativa pode desencadear reações e comentários diversos entre as crianças, dada a sua importância no enredo. Trata-se do momento em que a morte da personagem Emoa é narrada, provocando certa surpresa — uma vez que seu protagonismo, até esse momento da narrativa, destacava-se de modo envolvente.

Depois da leitura integral da obra, a releitura desse trecho, acompanhada da observação atenta das ilustrações, pode gerar boas trocas, ampliando os sentidos atribuídos pelos leitores. Algumas questões podem fomentar a reflexão. “O que aconteceu com Emoa? Quais trechos nos ajudam a entender o que ocorreu?” A palavra “epidemia”, mencionada no texto, poderá ser associada por algumas crianças à pandemia da covid-19. Caso isso ocorra, o(a) educador(a) mediador(a) pode intervir, distinguindo epidemia de pandemia.



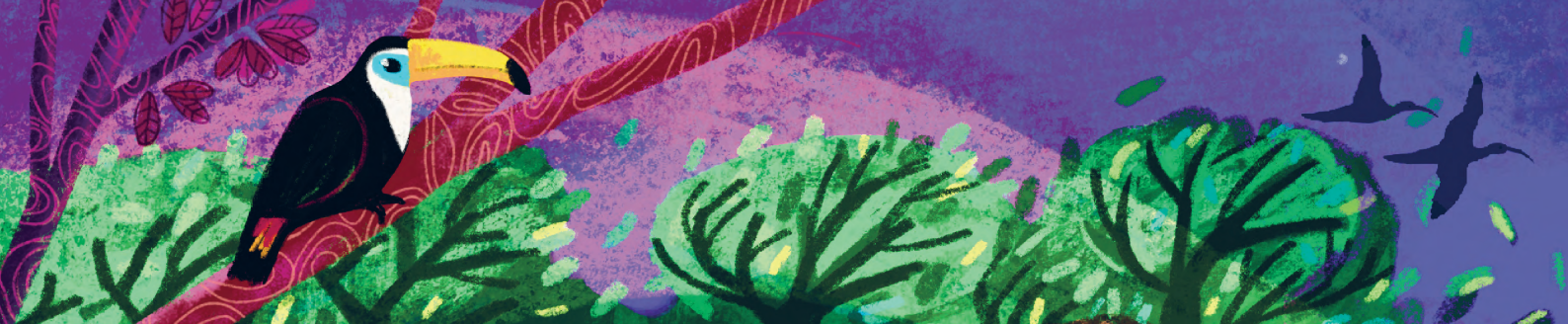
A passagem que narra a morte da protagonista se encerra com a expressão “ancestralizou”, que, no caso, está diretamente ligada à espiritualidade indígena. Na ilustração que acompanha o texto, há uma imagem aérea da aldeia Tuyuka, onde se passa a história, e uma arara-azul levando o cocar de Emoa no bico. Uma ventania parece acompanhar a cena, já que há folhas no ar e um movimento esvoaçante da vegetação. Novamente, cabe ao(à) educador(a) mediador(a) fazer uma pausa para verificar o que o acontecimento narrado no texto, acompanhado das informações contidas nas imagens, provoca na compreensão dos leitores. Pode-se realizar alguns questionamentos para estimular a reflexão. “O que está acontecendo neste momento da história? O que mostram as ilustrações? Como vocês entendem o significado da palavra ‘ancestralizou’?”

É importante que o(a) educador(a) mediador(a) não se apresse em explicar o significado dicionarizado da palavra “ancestralizou”, uma vez que o próprio conto, da forma como está escrito, encarrega-se de explicá-la. Na página seguinte ao relato da morte de Emoa, o narrador informa o impacto desse acontecimento na comunidade: “Todos ficaram tristes porque sua voz ia deixar de ecoar. A aldeia chorou por muitas luas [...]” (p. 19). Conversar sobre o sentimento vivido por todos com a partida de Emoa também pode ser uma maneira de ir construindo uma associação entre morrer e ancestralizar-se, aproximando os leitores da cosmovisão indígena presente no enredo.

Na mesma página, a continuidade do texto traz elementos que ressignificam a morte da personagem, permitindo associar a expressão “ancestralizou” ao encerramento de um ciclo de vida e ao início de uma nova forma de existência, a partir da memória e de outras maneiras de se fazer presente na vida da comunidade: “[...] até que um belo dia, perto da sepultura de Emoa, uma palmeira cresceu, floriu, criou uns espinhos e deu uma folha comprida e resistente. O canto forte do urutau anunciou que havia algo de novo” (p. 19).

Ouvir os leitores acerca de como compreendem este trecho, quais associações estabelecem e que sentimentos a leitura desperta é de fundamental importância na mediação da obra. Aos poucos, a cosmovisão indígena, vinculada aos conceitos de ancestralidade, vida e morte vai sendo traduzida literariamente, tanto no relato dos acontecimentos em si quanto na forma como são narrados, sempre vinculados aos elementos da natureza.

Apresentações ainda mais explícitas e igualmente são encontradas, por exemplo, no trecho que narra a aparição de Emoa em sonho para sua mãe: “A mãe da kunhã sonhou que a filha pedia a ela que fosse até a palmeira, chamada tucum, e retirasse a fibra, que depois seria trançada, trabalhada e viraria uma maqueira, uma rede para se deitar” (p. 21). Para os Tikuna, os sonhos são vistos como caminhos de comunicação com os encantados, com os espíritos da floresta, dos rios, dos animais e dos ancestrais, e são entendidos como fontes de conhecimento, orientação e proteção — porque podem revelar mensagens importantes para a vida individual, para a família e para a comunidade.



O conceito de ancestralidade volta a aparecer no desfecho do conto, quando se celebra a presença constante da protagonista em sua comunidade, não mais em corpo físico, mas como sabedoria ancestral e memória afetiva: “Emoa continua contando histórias toda vez que alguém se embala em saberes e memórias” (p. 26).

## Arte e modos de vida dos povos originários

A importância de que os leitores se atenham às imagens e explorem toda sua significação vai ao encontro dos objetivos dos autores indígenas, como pontua Julie Dorrico:

[...] os autores [indígenas] perceberam em suas narrativas um potencial para diminuir a distância construída pela história e literatura oficiais em relação aos povos indígenas. Ao desmistificar desde cedo pelo livro indígena as imagens pejorativas cimentadas ao longo dos séculos, as crianças e os educadores não indígenas poderiam (e podem) aprender a respeitar a diversidade pluriétnica (2020).

Considerando a importância das imagens nas narrativas indígenas como forma de desconstruir estereótipos pautados em visões coloniais, que em inúmeras ocasiões associaram indígenas e maqueiras à preguiça, e levando em conta também que *Maqueira de tucum* é um livro com belas ilustrações, sugere-se que, em uma segunda leitura da obra, o(a) educador(a) mediador(a) faça breves pausas, debruçando-se sobre as imagens. A ideia é que chame a atenção dos leitores com provocações para que observem a maneira de viver dos povos originários, comparando com a sua e de seus familiares, de forma que a leitura literária se potencialize para uma educação dos sentidos, da diversidade e do respeito às relações étnico-raciais, reconhecendo diferentes modos de organização social e familiar e valorizando a cosmovisão indígena, que aprecia a contemplação, a narração, a reflexão e o cultivo dos sonhos embalados na maqueira.

Algumas páginas são especialmente relevantes para essa apreciação, justamente por destacarem esses aspectos comunitários e coletivos. Já nas cenas iniciais, que abrem o conto, pode-se notar, tanto no texto quanto nas ilustrações, a organização da aldeia Tuyuka integrada à natureza e a convivência conjunta de adultos, jovens e crianças em um mesmo espaço.

Em alguns trechos do livro, é possível chamar a atenção para as paisagens da região onde se passa a história (Amazônia brasileira, perto do rio Solimões). O(a) educador(a) mediador(a) pode ajudar as crianças a notarem os elementos da fauna e da flora brasileiras: arara-azul, garça, palmeiras ou buritis, dentre outros. Vale destacar que a ilustradora Michelle Cunha teve o cuidado de compor as ilustrações com animais característicos do território habitado pelos Magüta/Tikuna. Para isso, ela se baseou nos relatos da autora Márcia Kambeba, uma vez que os animais ilustrados fazem parte do cotidiano da aldeia em que a autora morava.

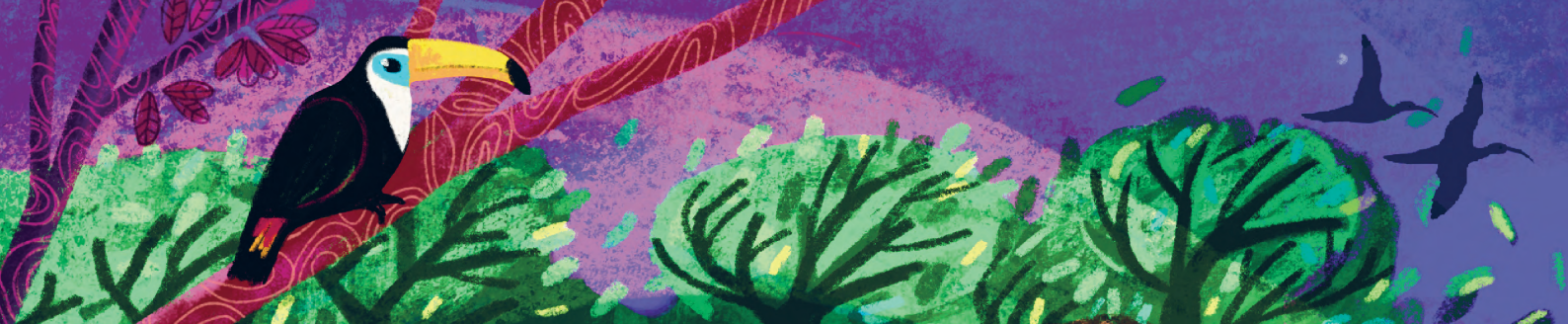


Por fim, um aspecto que também pode ser destacado pelo(a) educador(a) mediador(a) durante a apreciação específica das ilustrações é a presença de elementos dos grafismos do povo Tikuna, como a pintura corporal, o tipo de vestimenta e o uso de acessórios confeccionados com elementos da natureza. Esses aspectos aparecem em praticamente todas as páginas do livro, tanto nos grafismos presentes no corpo e nas roupas das personagens que habitam a aldeia Tuyuka quanto no manejo que fazem das fibras usadas na confecção das maqueiras.

Os grafismos indígenas são muito mais do que enfeites: são uma linguagem que expressa a relação com a natureza, a história e a identidade de cada povo. Feitos com pigmentos naturais como jenipapo, urucum e barro, aparecem nas pinturas corporais, nas máscaras, nas vestimentas e em objetos rituais. Cada traço tem significado e pode representar peixes, folhas, rios, animais ou marcar momentos importantes da vida. É uma arte que carrega memória, espiritualidade e conexão com o território, e que também se reinventa em papel, roupas e outras expressões contemporâneas.

É importante que o(a) educador(a) mediador(a) chame a atenção para esses aspectos, informando acerca das especificidades artísticas e culturais de cada povo indígena e evitando generalizações que reforcem estereótipos. Assim, o livro revela a importância da maqueira/rede para algumas culturas indígenas. Ao fazê-lo, mostra a importância da manufatura em uma cultura que valoriza a memória, as tradições orais, os exercícios reflexivos e a contemplação da natureza. Ao ressaltar essa importante dimensão cultural da maqueira e, por extensão, da manufatura, a autora se contrapõe ao estereótipo do “índio preguiçoso” e “sem apreço pelo trabalho”, imagem consolidada no senso comum e difundida por décadas, inclusive em livros didáticos.



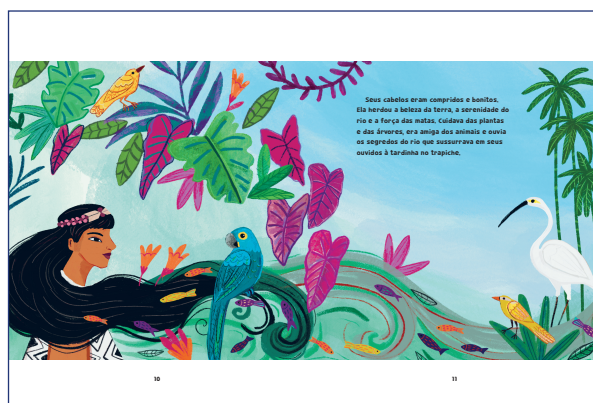


## Elementos naturais e as linguagens verbal e visual

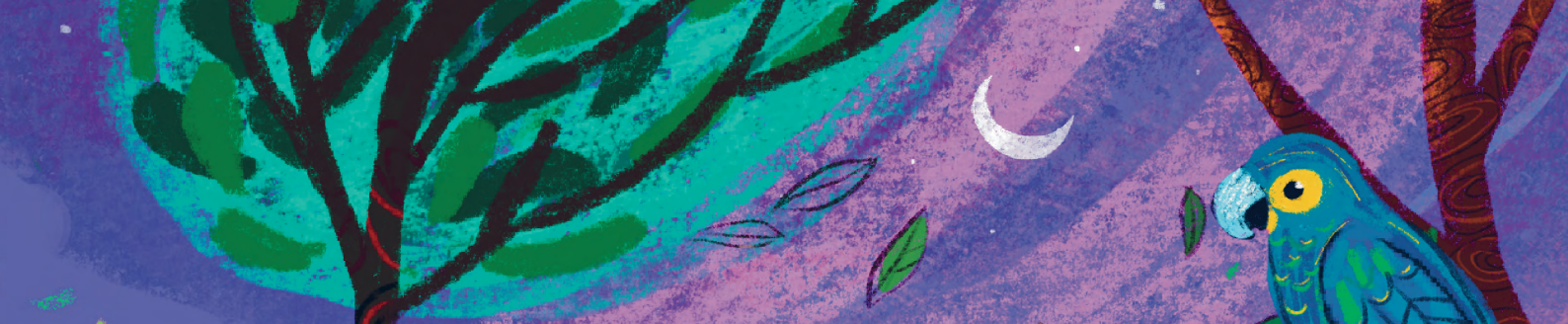
A menção constante aos elementos naturais ao longo do livro ocorre de maneira integrada à narrativa, por meio de recursos poéticos verbais e visuais. O próprio nome da protagonista mantém relação direta com a natureza, já que Emoa significa “palmeira”. Essa integração se dá desde as comparações e metáforas que associam elementos naturais ao corpo e às ações da protagonista, até a menção aos cuidados e à intimidade que ela mantém com a fauna e a flora.

No início da narrativa, as ações da protagonista são associadas aos elementos da natureza, criando imagens verbais, por meio de comparações e metáforas, que se intensificam com as ilustrações, já que também destacam o movimento da natureza em torno da personagem: “Quando o sol se aquietava e a lua aparecia, Emoa se iluminava e as histórias floriam. O vento se agitava, entortando as árvores e soltando folhas que flutuavam como notas de canção” (p. 9).

Há outros trechos do livro que evidenciam essa integração entre a narrativa e os elementos da natureza. Na dupla de páginas destacada a seguir, por exemplo, há vários elementos, tanto no texto quanto nas ilustrações, que podem ser enfatizados pelo(a) educador(a) mediador(a): a comparação dos atributos da personagem com elementos da natureza, a relação de cuidado que a protagonista estabelece com a natureza e a intimidade que apresenta com os elementos naturais.



Conjuntamente à releitura desses trechos, o(a) educador(a) mediador(a) pode chamar a atenção dos leitores para os elementos presentes na ilustração. Algumas perguntas podem guiar a reflexão. “Como o corpo de Emoa aparece misturado à natureza? Onde termina seu cabelo e começa o rio? Por que ela está representada dessa maneira?”



## ATIVIDADES E PROJETOS LITERÁRIOS

As propostas de leitura nas escolas e nas bibliotecas públicas ou comunitárias, embora compartilhem o objetivo de formar leitores, apresentam diferenças importantes. Nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, a escola é responsável por garantir o processo de alfabetização e a consolidação da leitura e da escrita. Nesse contexto, as práticas de leitura contam com acompanhamento regular, e envolvem tanto momentos coletivos, por meio da leitura compartilhada e mediada, quanto propostas que favorecem a leitura autônoma. Nas bibliotecas, o acesso aos livros amplia o contato com a literatura e fortalece o vínculo com a leitura, mesmo que o objetivo não seja propriamente a alfabetização das crianças que as frequentam. Vale lembrar também que, nesse contexto, a composição dos grupos é mais variável e flexível. As atividades e projetos sugeridos neste caderno podem ser adaptados a cada situação, respeitando as diferentes circunstâncias, mas sempre reforçando a importância da leitura como prática cultural e social.

### Atividade **Animais da fauna amazense**

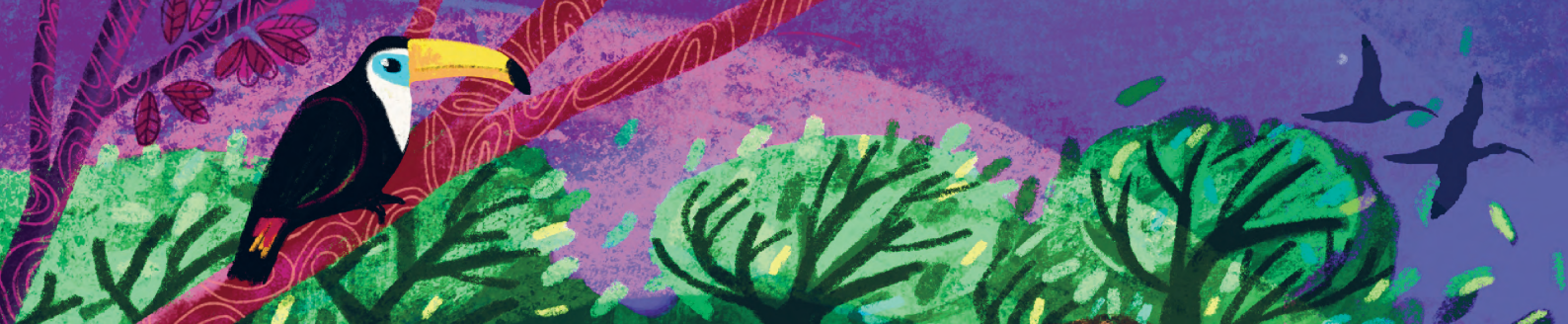
A presença de animais da fauna amazense destaca-se ao longo da narrativa de *Maqueira de tucum*, não apenas no cenário que compõe as ilustrações, mas também em alguns trechos relevantes na composição do enredo.

O(a) educador(a) mediador(a) pode propor como atividade uma releitura do livro, prestando especial atenção aos animais que aparecem nas ilustrações, verificando quais são conhecidos pelos leitores e quais não são. São exemplos de alguns animais presentes nas ilustrações: macaco-de-cheiro-de-cabeça-preta, arara-azul, garça-branca, papagaio-verdadeiro, tucano, onça-pintada, tatu-canastra, bem-te-vi, urutau, entre outros. Esse levantamento pode resultar na escrita coletiva de uma lista, a ser complementada com uma pesquisa acerca de outros animais que vivem no território amazense.

A busca por imagens fotográficas desses animais na internet, acompanhada pelo(a) educador(a) mediador(a), pode ser uma proposta complementar à escrita coletiva da lista. Um mural, físico ou virtual, pode ser criado para compartilhar a pesquisa, vinculando-a à leitura do livro e estimulando essa prática para novos leitores.

### Atividade **Pesquisa sobre grafismos indígenas**

Um aspecto que se destaca nas ilustrações de *Maqueira de tucum* é a presença de grafismos indígenas, tanto na pintura corporal das personagens quanto nas estampas de suas roupas. Realizar a releitura da obra chamando a atenção do grupo para esse elemento presente nas ilustrações pode ser uma maneira interessante de dar início a uma pesquisa coletiva sobre os grafismos indígenas, que se diferenciam de acordo com cada povo e sua cultura.



Vale ressaltar que o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan, 2025) oficializou em março de 2025 o Kene Kuĩ, conjunto de saberes e técnicas envolvidos na produção dos grafismos do povo indígena Huni Ku, como Patrimônio Cultural do Brasil. Uma breve pesquisa na internet, acompanhada pelo(a) educador(a) mediador(a), pode apresentar aos participantes esses e outros conjuntos de grafismos que, certamente, inspiraram as criações da ilustradora Michelle Cunha para compor as imagens que ilustram *Maqueira de tucum*.

Uma forma de compartilhar a pesquisa realizada coletivamente pode ser expondo em um mural físico ou virtual as informações encontradas, classificando-as a partir das regiões onde vivem atualmente as populações indígenas que produzem esse tipo de arte. Pode ser uma maneira interessante de desconstruir estereótipos que vinculam a existência de populações indígenas apenas às regiões Norte e Nordeste do país, quando, na verdade, os povos originários seguem habitando todas as regiões do território nacional.

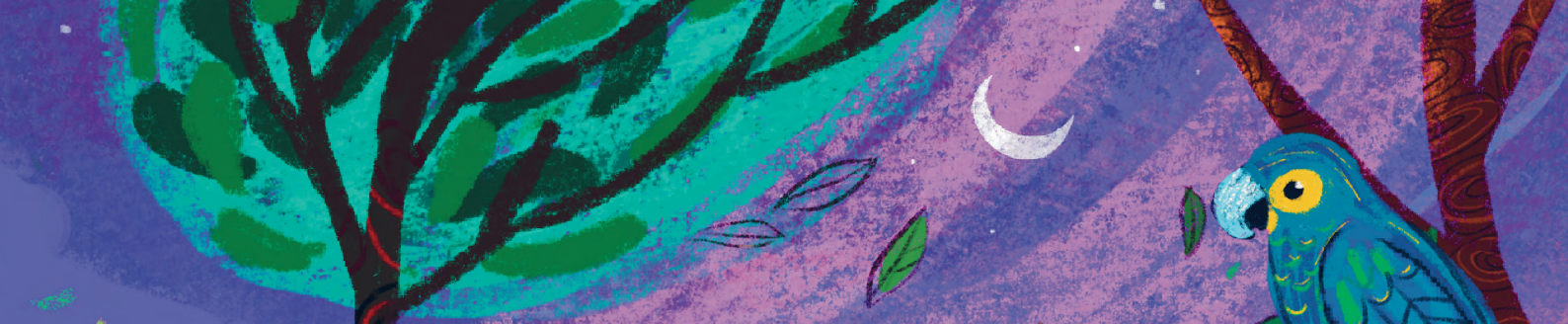
### Atividade **Momento da partilha**

Em *Maqueira de tucum*, a morte da protagonista Emoa é tratada a partir da cosmovisão indígena que a associa ao conceito de ancestralidade. Esse acontecimento é relatado e abordado de maneira natural sem, no entanto, desconsiderar a tristeza que a perda de uma pessoa querida e importante para uma comunidade pode provocar.

A permanência da personagem na vida de sua aldeia, mesmo depois de morrer ou “ancestralizar-se”, e a relação entre o mundo material e o espiritual são narradas poeticamente:

[...] Ao descansarem nela [maqueira], as pessoas seriam por Emoa acolhidas e inspiradas a contarem as histórias que ela guardava em seu coração, as quais aprendeu ouvindo o rio, a terra, a mata, o fogo e até o trovão/ [...] Emoa se faz presente como espírito nas tranças de tucum. [...] / A maqueira é um elo entre o mundo dos humanos e a espiritualidade [...] Emoa e o espírito do tucum, a matéria-prima, estão ali espalhando luz, amor e união (p. 21-24).

A releitura desses trechos e o encaminhamento de rodas de conversas propostas pelo(a) educador(a) mediador(a) podem desencadear trocas importantes sobre diferentes percepções e saberes em torno da morte. Certamente, os leitores podem estabelecer relações entre o lido e suas crenças religiosas ou conhecimentos filosóficos. Acolher essa diversidade de saberes e formas de pensar é fundamental para manter um ambiente respeitoso e democrático.



A partir da leitura do livro, pode-se partir da ideia de pensar na vida como um grande ciclo, que começa, cresce, floresce e depois se transforma. Assim como as plantas que germinam, dão flores e frutos e, um dia, deixam de existir, as pessoas e os animais também passam por mudanças ao longo do tempo. Conversas podem acontecer sobre como cada um entende essas transformações e como se sente quando se lembra de alguém ou algo que não está mais presente. Histórias contadas em casa ou na escola podem aparecer nessas conversas, trazendo memórias especiais. Desenhos ou pequenas falas podem surgir para representar lembranças, cheiros, cores ou músicas. Aos poucos, cada um vai descobrindo jeitos diferentes de sentir e lembrar, criando um espaço de acolhimento e partilha no grupo.

### Projeto **Narração de histórias indígenas**

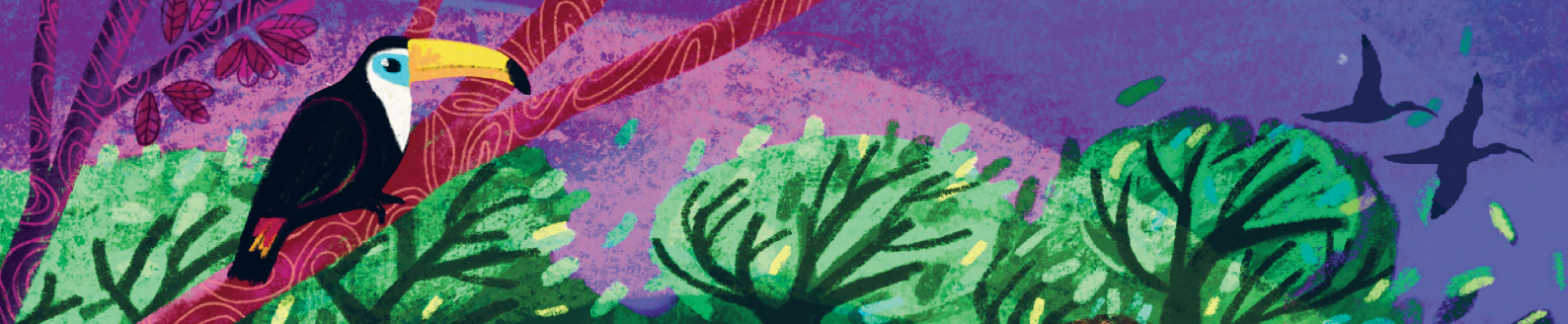
*Maqueira de tucum* tem como protagonista uma contadora de histórias, Emoa, que em vários momentos da narrativa aparece rodeada de crianças ouvindo suas narrações com encantamento:

Todos vinham para ouvir suas palavras de sabedoria. Quando o sol se aquietava e a lua aparecia, Emoa se iluminava e as histórias floriam. O vento se agitava, entortando as árvores e soltando folhas que fluíam como notas de canção. (p. 9)

As crianças gostavam de escutá-la. Ela tinha uma forma própria de contar histórias, balançando pra lá e pra cá, como se imitasse a onda do rio. Emoa era apreciada por todos. (p. 14)

Depois de reler esses trechos, o(a) educador(a) mediador(a) pode organizar um encontro com algum contador de histórias da comunidade que conheça narrativas indígenas e possa compartilhá-las com o grupo.

A escolha por um repertório de histórias indígenas dialoga diretamente com a leitura da obra, além de contribuir para ampliar o imaginário dos leitores. Nesse sentido, vale conhecer um importante depoimento da pedagoga e pesquisadora indígena Carina Oliveira Pataxó sobre sua experiência escolar com a literatura indígena:



Na escola, embora vagas lembranças, pedia à professora que contasse histórias sobre os índios, porém, ela afirmava que esses livros não faziam parte do acervo da escola. Acreditei, num determinado momento, que a história de parte da minha família não fosse tão importante, pois na escola havia diversos livros, mas nenhum sobre as temáticas indígenas, que são de extrema importância no que diz respeito à história, formação e cultura brasileiras (2024, p. 88).

## Projeto **Caixinha dos sonhos**

As maqueiras de tucum, que dão título ao livro, confeccionadas a partir da fibra dessa palmeira, têm na história uma função especial ligada ao sono e ao sonho. São redes de dormir que proporcionam sonhos inspiradores, como neste trecho: “[...] quem nela se deita se sente confortável, dorme, sonha e tem inspirações” (p. 24). A ilustração que acompanha essa parte da narrativa tem um caráter onírico: ao fundo, a noite na mata escura, repleta de desenhos luminosos que representam possíveis sonhos, enquanto mãe e filho adormecem em uma madeira de tucum.

Uma conversa com os leitores sobre esse trecho e as ilustrações que o acompanham, incluindo questionamentos sobre onde dormem, a que horas e o que costumam lembrar de seus sonhos, pode disparar a proposta de confeccionarem uma caixinha de sonhos da turma. A confecção pode ser artesanal ou não, a depender do perfil de cada grupo e das condições materiais disponíveis. É importante considerar que o recipiente deve receber breves relatos escritos sobre sonhos inspiradores de cada leitor, durante um determinado período, a ser também definido de acordo com cada contexto.

A ideia é que relatem, por escrito, sonhos dos quais se lembrem e que queiram compartilhar com o grupo. O(a) educador(a) mediador(a) pode apoiar os participantes que precisarem de ajuda para fazer o registro escrito, garantindo a legibilidade. Depois de algumas semanas ou meses, a depender do acordo prévio, a caixinha deve ser aberta com periodicidade regular (semanalmente, por exemplo), e o(a) educador(a) mediador(a) pode fazer a leitura de um sonho sorteado na hora, sem identificar o autor do relato.

As crianças podem tentar descobrir quem teve aquele sonho, partindo do conhecimento e da intimidade que possuem, considerando um convívio frequente. Feitas algumas tentativas, caso o autor não seja descoberto, ele pode se apresentar voluntariamente ao grupo, dando mais detalhes sobre o sonho.



## RECURSOS COMPLEMENTARES

**Grafismos e pinturas corporais marcam a identidade do povo Kayapó** — reportagem FUNDO BRASILEIRO PARA A BIODIVERSIDADE (FUNBIO). Grafismos e pinturas corporais marcam a identidade do povo Kayapó. *Funbio*, Rio de Janeiro, 30 jun. 2021. Disponível em: <https://www.funbio.org.br/grafismos-e-pinturas-corporais-marcam-a-identidade-do-povo-kayapo/>. Acesso em: 1 jun. 2026.

Na reportagem há informações sobre grafismos e pinturas corporais indígenas, sobretudo do povo Kayapó, que podem ser importantes para a atividade “Pesquisa sobre grafismos indígenas” proposta neste caderno.

**Mapa Cultural do Pará** — site

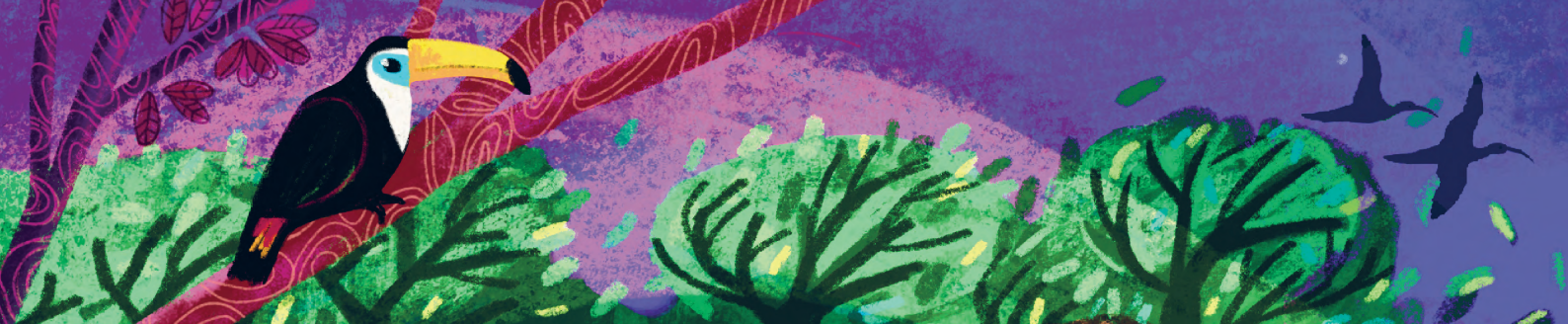
MAPA CULTURAL DO PARÁ. *Marcia Kambeba*. Disponível em: <https://mapacultural.pa.gov.br/agente/1460767/#info>. Acesso em: 1 jun. 2026.

Nesse site, que apresenta diversas manifestações culturais do estado do Pará, há uma página dedicada a Márcia Kambeba, autora de *Maqueira de tucum*. Na página há informações complementares sobre sua vida e obra.

**Vidas indígenas: a ancestralidade vive na memória** — coleção

MUSEU DA PESSOA. Vidas indígenas: a ancestralidade vive na memória. Disponível em: <https://museudapessoa.org/colecao/vidas-ind-geenas-a-ancestralidade-vive-na-mem-ria/>. Acesso em: 1 jun. 2026.

A coleção apresenta quatro vídeos sobre três povos indígenas: Guarani Mbyá, Tupinambá de Olivença e Nawa. O objetivo dessa coleção é preservar e registrar as histórias dos anciões e anciãs desses povos por meio de narradores jovens.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAJOUR, Cecília. *Cartografia dos encontros: literatura silêncio e mediação*. Tradução de Cícero Oliveira. Lauro de Freitas: Solisluna; São Paulo: Selo Emília, 2023.

BAJOUR, Cecília. *Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura*. Tradução de Alexandre Morales. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

BRASIL. *Lei n. 11.645, de 10 de março de 2008*. Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Brasília, DF: Presidência da República, 2008. Disponível em: <https://tinyurl.com/lei-afro-indigena>. Acesso em: 10 jun. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Consed/Undime, 2018. Disponível em: <https://tinyurl.com/base-mec>. Acesso em: 10 jun. 2026.

DORRICO, Julie. Ouvir a diferença: obras voltadas para crianças se tornam uma alternativa para autores indígenas ajudarem seus povos em meio à pandemia de Covid-19. *Quatro Cinco Um*, 1º out. 2020. Disponível em: <https://quatrocincoum.com.br/artigos/literatura/literatura-infantojuvenil/ouvir-a-diferenca/>. Acesso em: 1 jun. 2026.

KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

PATAXÓ, Carina Oliveira. "Literatura indígena e Educação". In: LICÁ, Márcia (org.). *Infâncias e leituras: presenças negras e indígenas na literatura infantil*. São Paulo: Pulo do Gato, 2024.